FAMILIARE INSTITUTO SISTÊMICO

A ESPERA DO CASAL NA FILA DE ADOÇÃO DE CRIANÇAS: SENTIMENTOS, PERCEPÇÕES E REPERCUSSÕES NA CONJUGALIDADE

Trabalho apresentado ao Familiare Instituto Sistêmico como requisito parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Terapia Relacional Sistêmica.

Solange Georg

Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi

2017

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a esta instituição, corpo docente e administrativo pelo acolhimento e ensino de qualidade. A relação construída com todos os profissionais foi fator de motivação para continuar investindo nos estudos, apesar de algumas adversidades, como a distância.

Agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi, por acreditar na minha proposta e pelo apoio na elaboração desse trabalho. Além disso, os breves, mas significativos momentos de convivência ao longo do curso contribuíram para aumentar ainda mais o meu amor e admiração pela Psicologia.

Aos colegas e amigos do curso, que a partir da troca de experiências foram essenciais para meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Agradeço a minha família e meu marido, que me conduzem através do afeto por todos os caminhos da vida.

Resumo

A parentalidade por adoção ocorre permeada por questões subjetivas e abrange contextos peculiares. Este artigo tem como objetivo caracterizar as repercussões do processo de fila de espera para a vida e a conjugalidade de um casal adotante. Participou do estudo um casal que está atualmente há seis anos na fila de espera. Foi realizada uma entrevista semiestruturada, cujo conteúdo foi analisado qualitativamente por meio de análise categorial temática. Verificou-se o surgimento de sentimentos e sintomas como; tristeza, desânimo, medos, ansiedade e dúvidas durante o tempo de espera, além de mudanças no significado inicial atribuído para a adoção. Conclui-se que o tempo de espera não corresponde à expectativa inicial e se tornou a maior dificuldade do casal, repercutindo na forma como vivenciam o processo e sobre a conjugalidade.

Palavras-chave: Adoção, fila de espera, conjugalidade.

Abstract

Adoption parenting is permeated by subjective issues and encompasses peculiar contexts. This article aims to characterize the repercussions of the queuing process for the life and conjugality of an adoptive couple. A couple who is currently in the waiting line for six years participated in the study. A semistructured interview was conducted, the content of which was analyzed qualitatively through thematic categorical analysis. It was verified the appearance of feelings and symptoms as; sadness, despondency, fears, anxiety and doubts during waiting time, as well as changes in the initial meaning attributed to adoption. It is concluded that the waiting time does not correspond to the initial expectation and has become the greatest difficulty of the couple, affecting the way they experience the process and about conjugality.

Keywokrs: Adoption, queue, conjugality.

Sumário

1 Introdução 07

1.1 Objetivos 10

1.1.1 Objetivos Geral 10

1.1.2 Objetivos Específicos 10

2 Método 10

2.1 Caracterização da pesquisa 10

2.2 Participantes 11

2.3 Instrumentos 11

2.4 Procedimento de coleta de dados 11

2.5 Análise de dados 11

3 Resultados 12

3.1 Motivação para adoção 12

3.2 Ideias e crenças sobre a adoção ao se inscrever 12

3.3 Expectativa em relação ao tempo de espera 13

3.4 Sentimentos e percepções que emergiram durante a espera 14

3.5 Repercussões dos sentimentos vivenciados na conjugalidade 15

3.6 Estratégias de Enfrentamento 15

3.7 Rede social significativa 16

4 Discussão 17

4.1 Motivação para adoção 17

4.2 Ideias e crenças sobre a adoção ao se inscrever 17

4.3 Sentimentos e percepções que emergiram durante a espera 19

4.4 Repercussões dos sentimentos vivenciados na conjugalidade 19

4.5 Estratégias de Enfrentamento e Rede Social Significativa 20

5 Considerações Finais 21

Referências 23

Apêndice A -- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido 27

Apêndice B – Roteiro de Entrevista 28

1 Introdução

Este artigo tem como tema principal o processo de espera dos casais na fila de adoção de crianças. A adoção de crianças pode ser considerada um dos fenômenos mais antigos da humanidade e essa prática recebeu vários significados no decorrer dos tempos, ocorrendo modificação e evolução do próprio conceito. De acordo com Weber (2011), durante muitos séculos a adoção tinha como foco a necessidade do adulto. Era vista como uma maneira de pessoas que não conseguiam ter filhos biológicos, terem no filho adotivo a possibilidade de transmitir seu legado e bens. Atualmente, entende-se que é necessário a busca de um lar para uma criança sem família, apontando para uma nova cultura, no qual os interesses da criança predominam.

De acordo com Paiva (2004) a partir da promulgação do ECA (Estatuto da Criança e Adolescente) se observa uma preocupação crescente com as questões que envolvem a adoção de crianças. No ano de 2009, com a publicação de uma lei que ficou conhecida como "Nova Lei de Adoção" (Lei nº 12.010 de 29 de julho de 2009, aprovada em 03 de agosto de 2009), que promoveu alterações junto ao Estatuto da Criança e do Adolescente habilitando qualquer pessoa maior de 18 anos, independentemente do estado civil a adotar uma criança, houve o início de uma série de modificações para beneficiar a criança no processo de adoção (Brasil, 2009). Esta lei cita, segundo Mattos, Hernandes e Eloy (2011) entre outros benefícios, a necessidade do preparo prévio psicossocial e jurídico dos adotantes, e principalmente a partir disso tem se abordado o tema não somente em seus aspectos jurídicos, mas também os aspectos psicológicos.

Constituir uma família é desejo de muitas pessoas e casais, e a adoção é um caminho possível para essa realização. Porém, o período de espera pela criança tem sido considerado como difícil, carregada de inúmeras expectativas, medos e aspectos psicológicos próprios (Weber, 2011; Marques, 2014). Entre as dificuldades vivenciadas pelos adotantes, segundo Rosa, Melo, Boris e Santos (2016) estão a burocracia exigida pelo Estado para a legalização da adoção e a demora do processo, fazendo com que fiquem muitas vezes por anos na fila de espera.

Para acelerar o processo, em 29 de abril de 2008, foi criado o CNA (Cadastro Nacional de Adoção) com o objetivo de agilizar o processo e permitir a conexão dos pretendentes e adotandos nas diferentes regiões do Brasil, auxiliando juízes das varas da infância e juventude na condução dos processos de adoção (Brasil, 2015). Ainda, segundo Conselho Nacional de

Justiça que fez um levantamento de dados em relação a tempo de processo, desde a inscrição da criança no sistema de adoção até habilitação para adoção, o tempo que os pretendentes ficam aguardando a criança no CNA, em média, é superior a três anos, principalmente em regiões do Sul e Belém-PA. Já no Nordeste os dados revelam tempo de espera inferiores a 400 dias.

No processo de adoção, de acordo com Merçon-Vargas, Rosa e Dell'Aglio (2014), há uma interdependência entre diferentes sistemas: o macrossistema que engloba os aspectos jurídicos do processo, percepção dos valores e crenças; e o microssistema, a forma como as pessoas ou casais vivenciam esse processo. Para Schettini Filho (2014) a parentalidade por adoção percorre um caminho psicológico próprio e de acordo com D'Andrea (2002), nesse contexto, tanto o casal como a criança se encontram em condições de privação e renúncia. O casal não pôde dar luz a um filho e a criança não pôde permanecer no contexto onde nasceu.

De acordo com Cecílio e Scorsolini-Comin (2013) a transição para a parentalidade pode repercutir de diferentes formas na conjugalidade. Assim como alguns casais se aproximam, outros podem se afastar diante de uma situação nova, que requer mudanças e pode gerar sentimentos ambivalentes, próprios da situação. Mais especificamente no contexto da adoção, segundo Schettini, Amazonas e Dias (2006), é importante considerar a particularidade de cada membro do casal e embora afirmem com frequência ter pensado e desejado juntos o filho, os cônjuges são influenciados por uma dinâmica inconsciente, repleta de desejos e fantasias individuais em relação ao filho que é esperado.

Para Segalin (2013), diferente da filiação biológica, que tem um período de gestação predeterminado, a filiação adotiva é vivenciada por um tempo de espera não determinado. Os pretendentes, uma vez habilitados poderão ser acionados pelo Estado a qualquer momento para acolher em adoção uma criança ou adolescente como filho, quando esse foi impossibilitado de continuar a convivência com sua família biológica. Além da indeterminação do tempo de espera, de acordo com Hueb (2016), assim como para as crianças que esperam reinserção familiar, os casais também sofrem com ansiedade, inerente a possibilidade da construção de um novo vínculo e vivenciam diversos sentimentos como esperança, medos e tensão durante a espera da criança.

De acordo com Dantas e Ferreira (2015), no processo de adoção, os pais não são os únicos a adotar, porque a criança ou o adolescente também os adotam, e são produzidos dessa forma novos sentidos e peculiaridades nesse processo de espera. Para Schettini et al. (2006) e Mattos et al. (2011) a fase de espera do filho adotivo é considerada carregada de expectativas, e estas, quando não correspondidas podem levar a dissolução da família que se espera construir.

Entende-se a adoção a partir dessas descrições, como um processo complexo, que pode ser de possibilidades por realizar o sonho da maternidade/paternidade, mas ao mesmo tempo doloroso, porque envolve um tempo de espera permeado por inúmeras dúvidas, expectativas, medos e preconceitos. De acordo com Bergman, Cummings e Warmuth (2016), essas vivencias não são eventos isolados, e, portanto, influenciam todo o sistema familiar já existente e podem influenciar os filhos que virão, seja de forma direta ou indireta, positiva ou negativa.

Considerando a interdependência entre diferentes sistemas no processo de adoção, investigou-se de que forma o processo de adoção é afetado pelas relações entre os sistemas envolvidos e pelos contextos mais amplos em que os ambientes estão inseridos. Mais especificamente, com base nos dados apresentados anteriormente sobre o tempo de espera, este artigo tem como objetivo caracterizar as repercussões do processo de fila de espera para a vida e a conjugalidade de um casal adotante.

Estudar esse tema parte do pressuposto de que existe uma necessidade de reflexão mais profunda sobre o processo de adoção, mais especificamente com os adotantes, para minimizar riscos, como por exemplo a dissolução da família que se espera constituir. De acordo com Levinzon (2014), existem vários elementos que podem colocar o sucesso da adoção em risco, e a grande maioria, relacionados a motivação. Quando a situação da esterilidade não estiver bem elaborada e o desejo de adotar vem para substituir esse filho perdido; ou mesmo, se a intenção é fazer caridade, a adoção pode ser colocada em risco, pelas repercussões emocionais. O autor considera ainda a estabilidade da relação conjugal dos pais como fatores essenciais.

A presente pesquisa se insere na área da família e desenvolvimento humano, utilizando-se da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano como base teórica, que tem como uma das premissas básicas que as propriedades que compõem as pessoas e o meio ambiente, assim como a estrutura do ambiente e os processos que ocorrem dentro e, entre eles, são interdependentes (Bronfenbrenner, 1996). Ainda, Bronfenbrenner (1986) destaca importância de se considerar as transições ao longo do ciclo de vida, por serem produto e produtoras da mudança evolutiva e considera as transições familiares.

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral:

Caracterizar as repercussões do processo de fila de espera para a vida e a conjugalidade de um casal adotante.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- Identificar expectativas, sentimentos e percepções vivenciados por um casal adotante no processo de fila de espera.

-Investigar o surgimento de sintoma ou crise na relação do casal durante o período de espera da criança.

-Identificar se, na percepção dos adotantes, os sentimentos e percepções relatados repercutem no investimento da adoção ou na própria conjugalidade.

- Descrever estratégias de enfrentamento utilizadas pelo casal para lidar com o período de espera.

2 Método

2.1 Caracterização da pesquisa

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, de corte transversal exploratório e descritivo, do tipo *estudo de caso*, buscando descrever o fenômeno em profundidade, facilitando sua compreensão e aprimoramento de ideias.

2.2 Participantes

Participou do estudo um casal que está há seis anos na fila de espera de adoção. O critério estabelecido para participar da pesquisa foi estar inscrito judicialmente no processo de adoção. Para o presente estudo, cada participante foi nomeado com um número, e a seguir, de forma breve, descreve-se algumas características dos participantes: P01 tem 43 anos, ensino médio completo, cor branca, comerciante, sexo masculino. P02 tem 36 anos, superior completo, cor branca, comerciante, sexo feminino. Ambos não seguem nenhuma religião. Em relação ao perfil da criança desejada, aceitam irmãos com até quatro anos de idade, ambos os sexos, de cor branca e mulata.

2.3 Instrumentos

Optou-se pela entrevista semiestruturada, cujo roteiro incluiu uma sequência de perguntas previamente organizadas, porém com liberdade para o entrevistador em acrescentar algumas questões em caso de dúvidas ou mesmo para exploração mais abrangente de determinados temas (Silva & Silveira, 2007).

2.4 Procedimento de coleta de dados

A coleta dos dados aconteceu na residência do casal, de acordo com a disponibilidade dos mesmos, com duração aproximada de duas horas e meia. Antes do início da entrevista, foi apresentado ao casal esclarecimentos sobre a pesquisa, seus objetivos e obtenção do consentimento de participação (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). Após a assinatura do referido Termo a entrevista foi realizada em conjunto e gravada com o consentimento dos participantes. Posteriormente, a entrevista foi transcrita para análise.

2.5 Análise dos dados

Realizou-se a análise do conteúdo categorial temática, por meio de construção de categorias temáticas (Bardin, 2011). A seleção das categorias ocorreu inicialmente a partir da

transcrição da entrevista, na íntegra, conservando-se a linguagem original empregada pelos participantes. A leitura e análise do material transcrito permitiu destacar eixos temáticos. Após a identificação dos temas, ocorreu a construção e elaboração de um quadro temático com objetivo de agrupar e sintetizar os dados, destacando-se as regularidades e peculiaridades do discurso, bem como os termos e expressões mais evocadas pelos participantes para identificação dos elementos de análise.

3 Resultados

Os resultados foram agrupados e organizados em sete categorias temáticas. A seguir apresentam-se as categorias:

"Motivação para adoção", "Ideias e crenças sobre a adoção ao se inscrever", "Expectativas em relação ao tempo de espera", "Sentimentos e percepções que emergiram durante a espera", "Repercussões dos sentimentos vivenciados na conjugalidade", "Estratégias de enfrentamento" e "Rede social Significativa".

3.1 Motivação para adoção

A categoria " Motivação para adoção" revelou alguns fatores que levaram o casal a se candidatar à adoção. Ambos relataram o desejo de ser pai e mãe; desejo de constituir família e transmitir ensinamentos para alguém. P01 falou sobre os seus sentimentos ao pensar em ter filhos, tais como: *gostar, ter apego e afinidade* com crianças. A infertilidade foi apontada, por ambos os cônjuges, como o maior fator de motivação para querer adotar uma criança como pode-se observar nos trechos a seguir:

P01: - *A gente não pode ter filhos, então o motivo para adoção na verdade é esse.*

P02: - *O fato principal é a gente ter tentado ter filhos e não ter conseguido.*

3.2 Ideias e crenças sobre a adoção ao se inscrever

Ao se inscrever no processo, o casal relatou ideias e crenças iniciais que tinham sobre a adoção. Algumas delas eram relacionadas à motivação, por exemplo, a ideia de querer

constituir família e exercer o papel de pai e mãe. P01 falou ainda sobre o desejo que já tinha como pai biológico, de ter uma pessoa que o representasse: - *O que eu pensei quando fui adotar, era uma coisa que eu pensava quando queria ser pai biológico. Eu queria ter um menininho sabe (...), então às vezes, o perfil da criança vem dessa sensação de querer ter uma réplica sua, sabe. (...) ele passou aquele sonho para aquela ficha de xizinho*. A ficha de "xizinho" se refere ao cadastro que os pretendentes à adoção preenchem, sobre o perfil da criança desejada.

Algumas ideias e crenças iniciais sobre o processo de adoção relacionadas à motivação e perfil da criança desejada mudaram a partir da aproximação com o tema e tempo de espera. O casal referiu ter dúvidas se essa mudança de ideias estaria relacionada ao surgimento de sentimentos que serão descritos posteriormente e também com a participação no Grupo de Apoio à Adoção. P02 relatou: - *É, eu nem sei bem se essa mudança de pensar hoje não está relacionada com a ansiedade e à uma pressa.* Com o passar do tempo, passaram a acreditar que adotar uma criança poderia ser uma possibilidade para praticar o bem, como se observa na fala de P02: - *(...) eu falo assim, hoje talvez a gente já pensa em outros pontos. Mas hoje, depois de seis anos de fila, eu acho que já poderia talvez fazer um bem à uma criança*.

Relataram ainda que inicialmente faziam uma relação com a construção da maternidade/ paternidade com a idade da criança. Havia a crença de que a criança pequena ajudaria no processo de se tornarem pais, pois poderiam transmitir mais ensinamentos a ela, como exemplifica a fala de P02: - *É, na verdade eu acho que o perfil da criança entrou no desejo de ser pais. Pegar uma criança pequena e ensinar as coisas.* Como resultante da participação deles nas reuniões do Grupo de Apoio à Adoção, referiram acreditar na possibilidade de se tornarem pais a partir da experiência com uma criança maior, como relatou P01: - *Aí as coisas foram mudando. A gente mexeu no perfil, a gente mexeu em idade(..). Uma outra coisa que também altera, que nem a gente participa de reuniões hoje com pais que já adotaram e que ainda estão na fila de adoção. Você vê nos outros que adotaram até um pouquinho maiores, fala assim, ah, foi legal para eles, pode ser legal para mim também.*

3.3 Expectativa em relação ao tempo de espera

O casal acreditava que esperaria no máximo três anos na fila para conseguir a adoção. As falas exemplificam essa expectativa:

P01: - *É, não passava de três anos. Eu vim de São Paulo, e lá em São Paulo a adoção é mais rápida que aqui*.

P02: - *Para mim era dois anos (...). Aí deu dois anos, nada, daí mais dois, e nada. E assim, quando chegou esse ano eu falei, esse ano é de certeza. Agora, eu já acho que não é mais certeza.*

O casal relatou ainda que alterou a idade da criança como uma possível estratégia para tentar acelerar o processo e diminuir o tempo de espera, como se pode observar na fala de P02: - *(...) de dois para quatro anos. Eu acho que a gente fez isso, não sei se em 2014 ou 2015. Eu não lembro, mas talvez com três a quatro anos na fila. (...) é; eles vão dizer que não muda em nada; que talvez resolvesse se eu alterasse para seis, sete ou dez anos.*

3.4 Sentimentos e percepções que emergiram durante a espera

Ao serem perguntados sobre que tipos de sentimentos surgiram durante o tempo de espera, o casal referiu uma diversidade de sentimentos. P01 expressou: *chateação; pena do cônjuge; estresse; sentimento de ficar remoendo outras possibilidades de ter filhos; sensação de ficar maluco diante sentimento de injustiça em relação ao processo e nervosismo.*

O participante P02 relatou *sentimento de tristeza; de se sentir imperfeita por não poder engravidar; desânimo; desejo de se tornar uma pessoa melhor, para merecimento; inveja de famílias com filhos que pudesse representar uma família feliz e sentimento de doação plena, por viver em função da adoção esses anos todos*. Ambos disseram se sentir mais preparados com o passar do tempo para serem pais, mas que estavam com medo de envelhecer e a criança não chegar. Relataram ainda, sentir que vivem uma gestação emocional de muitos anos e que se sentem inseguros em relação a legalidade do processo de adoção, gerando sentimentos como ansiedade e dúvidas. As falas a seguir exemplificam alguns sentimentos expressos:

P01: - *(...) às vezes fico até com pena dela, porque isso parece que perturba muito ela, essa espera. Ela está se preparando, ela está com gestação de mais de cinco anos.*

P02: - *Eu acho que de bom, eu penso que, eu vejo como positivo o fato de ter me preparado mais, da gente como casal, ou de estabilidade. Sentimentos ruins também têm. Me incomoda um pouco ver uma família feliz, a mulher grávida ou com um monte de filhos, e porquê eu não(?). Então eu não sou perfeita e isso me incomoda.*

3.5 Repercussões dos sentimentos vivenciados na conjugalidade

Dos sentimentos anteriormente abordados, o casal relatou que por viverem em função da espera da adoção esses anos todos, promoveram mudanças no âmbito profissional e deixaram o lazer em segundo plano. P02 relatou: - *(...) porque toda vez que a gente se programava para uma viagem de família, a gente pensava, mas não dá, e se a gente tiver adotado, a gente não tem como ir. O tempo inteiro pensava; mas a gente vai se programar, vai pagar e se a gente adotar a gente não vai. (...) e o tempo inteiro incluía a adoção nos meus projetos de vida.* P01 expressou ainda o sentimento de ser cobrado em alguns momentos pela esposa, principalmente no que diz respeito ao tempo de espera, para que resolvesse a situação que estavam vivendo, associado à desconfiança da legalidade do processo. Se referiu também aos momentos da esposa que denominou de *braveza, humor deprimido e tristeza*, que desencadeavam situações de estresse. P02 também abordou os sentimentos expressados pelo cônjuge como algo que desencadeava estresse para o casal, em determinados períodos, e falou ainda do sentimento de frustração, como exemplifica a fala: - *É uma frustração pessoal na verdade. Eu acho que uma frustração pessoal interfere em todas as coisas da vida, desde pessoal e profissional.* Em relação aos sentimentos de incômodo que surgiam quando se deparava com uma mulher grávida ou com filhos, P02 relatou que se afastaram da família dela, com muitas crianças, como pode se observar na fala: - *Eu me afastei muito da minha família direta, porque todo mundo começou a ter filhos, menos a gente.*

Ambos relataram que até o momento, embora tivessem vivenciado diversos sentimentos, não pensaram em desistir da adoção ou mesmo da conjugalidade. Aparentemente, o investimento na adoção parece mais fragilizado. P01 falou: - *É, hoje eu digo isso, não sei. Talvez se essa lista de espera continuar assim, daqui uns 5 anos vou falar: agora deu*. P02 também expressou: - *A gente não vai sair da lista, mas que de vez em quando a gente questiona, vai levar mais 6 anos(?), vou estar com quarenta e poucos anos(?), e aí entra a nossa idade quando a criança chegar.*

3.6 Estratégias de Enfrentamento

O casal relatou que buscam apoio um no outro e ressaltaram o quanto consideram importante a estabilidade do casal, pelo tempo que estão juntos, para lidar com as questões anteriormente relatadas. O trecho a seguir exemplifica: - *Mais um no outro mesmo, um no outro.*

A gente mais se ajuda do que espera de fora (P01). Procuram ainda manter diálogo sobre o assunto e P01 refere que muitas vezes busca recursos na tentativa de acalmar a cônjuge em momentos de maiores dificuldades associado ao surgimento de alguns sentimentos relacionados a espera. Expressa ainda que o "desabafo" com amigos às vezes também é uma possibilidade de recurso. Participante P02 relatou que gosta de falar sobre o assunto da adoção: - *É, eu gosto até de falar sobre o assunto, porque faz manter vivo essa gestação. Então, falar sobre o assunto eu gosto.* O sentimento de esperança, de saber que um dia vai adotar também aparece na fala de P02, assim como a estratégia de se afastar de contextos como festinhas de crianças. Ambos referiram já ter encontrado também, ao longo desses anos, estratégias para lidar com pessoas que questionam sobre a demora da espera e muitas vezes se utilizam de falas como como esta: - *(...) a gente não quer dessa forma. Eu não quero brigar judicialmente por uma criança (P02).* Participante P01 referiu não terem buscado ajuda de nenhum profissional, como por exemplo, um psicólogo.

3.7 Rede social significativa

Para identificar possível rede de apoio, foi perguntado ao casal sobre quem eram as pessoas que conheciam e com quem compartilhavam sua história no processo de adoção e se recebiam algum tipo de apoio dessas pessoas e de que forma. O casal relatou que não tinha nenhuma restrição em relação às pessoas que poderiam ou não saber que pretendem adotar uma criança. Mas, com o passar do tempo, eles passaram a ser mais cuidadosos na comunicação em relação ao assunto, com algumas pessoas, porque umas ajudariam e outras seriam "maldosas", mesmo sem intencionalidade. P01 exemplificou: - *Você ouve de tudo. Até um comentário que é assim; tem gente que faz e acha que não é maldoso. Muita gente fala "pega uma menina, porque menina não vai incomodar". Aí, tem o racista que fala assim "meu, você vai colocar um neguinho em casa, alguém vai falar alguma coisa".* Retomam nesse momento do diálogo aspecto abordado na categoria "Estratégia de Enfrentamento", e referem que se ajudam e buscam apoio um no outro mais que em pessoas de fora. Ambos referiram o Grupo de Apoio à Adoção, como parte de sua rede de apoio, onde consideram ter encontrado acolhimento, esclarecimentos e a oportunidade para compartilhar e conhecer histórias de adoção. As falas de P01 e P02 exemplificam: - *Eu gosto de participar do Grupo de Adoção. Eu acho que, na informalidade eles são mais organizados que o Fórum (P01).* Participante P02 expressou: - *Os casais da adoção, o grupo ajuda muito. Eles estão trazendo bastante assim, bastante coisa que*

o Fórum não traz. (...) como eu falei já, os encontros ajudam muito. Até por uma questão de devolução de criança.

4 Discussão

4.1 Motivação para adoção

A infertilidade foi apontada como maior fator de motivação para adoção. Este resultado está conforme os resultados dos autores Otuka, Scorsolini-Comin e Santos (2013) e Marques (2014), ao referirem que os casais que enfrentam a situação de infertilidade encontram na adoção a possibilidade de construção da parentalidade, regulamentada pelo estado. Pesquisas realizadas por Schettini et al. (2006), Weber (2006), Ladvocat (2002) também descrevem a infertilidade como principal motivação para adoção. De acordo com D'Andrea (2002), a descoberta da impossibilidade de poder gerar um filho ameaça a possibilidade de realizar o projeto de se constituir uma família. O casal da presente pesquisa encontrou também na adoção a possibilidade do projeto de se tornar uma família.

4.2 Ideias e crenças sobre a adoção ao se inscrever

Ao descrever crenças e ideias iniciais do casal sobre a adoção, que abordou também aspectos do perfil da criança que desejavam adotar, os resultados revelaram mudanças e desconstrução de ideias durante o tempo de espera. Observou-se que a participação dos entrevistados no Grupo de Apoio à Adoção e surgimento de diversos sentimentos durante a espera, relacionados principalmente com a demora do processo, foram os principais fatores que influenciaram nessas mudanças.

Sobre o perfil da criança desejada inicialmente, de acordo com Dias, Silva e Souza (2008), e Schettini et al. (2006), o medo, desconhecimento e fantasias envolvidas na adoção de crianças maiores, são fatores que contribuem para que os casais ainda tenham preferência pela adoção de bebês. Muitas pessoas ainda acreditam que os bebês, principalmente, têm maiores facilidades de adaptação à família. Essa cultura contribui para a construção de diversas crenças sobre a adoção, como se observou, por exemplo, nas falas dos participantes na presente pesquisa ao relatarem sobre as motivações e desejos iniciais para adotar uma criança pequena. Para

Otuka, Scorsolini-Comin e Santos (2009), apesar de muitos avanços no que se refere ao tema, as representações sociais sobre a adoção ainda são repletas de preconceitos e estigmas. Para Bronfenbrenner (2011), embora características pessoais da pessoa interferem na forma como ela vivencia o processo, o macrossistema, que engloba os sistemas de valores e crenças de uma cultura, assim como os aspectos jurídicos, também influenciam no desenvolvimento do processo.

Se observou ainda a partir dos relatos, que com o passar do tempo**,** a motivação para adoção também passou aparentemente por ressignificações, quando passaram a considerar a possibilidade de fazer o bem à uma criança a partir dessa prática. Para uma melhor elaboração psicológica, segundo Levinzon (2006), seria importante que os pais soubessem distinguir os reais motivos para querer adotar uma criança, porque podem repercutir no relacionamento com a criança e por consequência no sucesso ou não da adoção.

Em relação a expectativas sobre o tempo de espera, verificou-se que a demora do processo é a maior dificuldade vivenciada pelo casal. Em pesquisa realizada por Rosa et al. (2016), além da burocracia exigida pelo Estado para a legalização da adoção, o que pode fazer com que casais não queiram investir no processo ou desistam da adoção, o tempo de espera, também foi apontado como uma grande dificuldade pelos candidatos a adoção. Esse tempo de espera, segundo Brasil (2015), tem relação com a idade que muitas crianças já têm quando ficam disponíveis para adoção. A partir de 5 anos de idade a criança tem menos chances de ser adotada porque os casais ainda têm preferência por crianças menores.

Nessa perspectiva, de um longo tempo de espera e vivenciando sentimentos como ansiedade, medo e pressa, observou-se que o casal alterou a idade da criança inicialmente desejada na expectativa de acelerar o processo. Na categoria anterior, verificou-se que a desconstrução de crenças sobre adoção de crianças maiores, após contato com Grupo de Apoio, também foi citado como fator de motivação para alterar a idade. A análise desses dados sugere dúvidas sobre a real motivação para alteração da idade, evidenciando-se mais uma vez as influências dos aspectos jurídicos na forma como o casal vivencia o tempo de espera. Bronfenbrenner (1977) escreve sobre a forma como alguns aspectos do macrossistema são explícitos e podem interferir em um processo, como por exemplo, as leis em âmbito Jurídico.

4.3 Sentimentos e percepções que emergiram durante a espera

Os resultados revelaram que diversos sentimentos surgiram durante a espera da criança, para ambos os participantes, principalmente associados ao longo tempo, como ansiedade e medo, o que resultou em dúvidas e desconfiança sobre a credibilidade do processo, nos seus aspectos jurídicos. Em pesquisa realizada por Bueno, Vieira e Crepaldi (2016), o sentimento de ansiedade foi vivenciado por todos os entrevistados durante o tempo de espera, o que desencadeou ideias, como por exemplo, de achar que a adoção poderia não mais acontecer, assim como verificou-se nas falas dos participantes da presente pesquisa.

De acordo com Gondim et al. (2008), a forma como os adotantes vivem essa fase, muitas vezes, uma vivência dolorosa, tem relação com a indeterminação temporal causada por esse processo de gestação adotiva. Os autores Cardoso e Baiocchi (2014), se referem às questões específicas da adoção como geradoras de angústia e ansiedades, principalmente por não ser uma gestação com prazo pré-determinado, podendo gerar sentimentos como desânimo frequentemente.

O sentimento do *não poder* gerar um filho biológico é considerada uma das dores da adoção, e também apareceu nos relatos do casal. Para Schettini Filho (2014), de modo geral, na adoção existem dois lados: há os pais biológicos que procriam, mas que não podem criar, e há os pais adotivos que não procriam, mas reúnem condições de criar. Nos dois casos persiste a condição do não poder, peculiaridade do contexto da adoção, e essa impotência subjacente a filiação adotiva não deve ser ignorada. O autor refere ainda que a dor da adoção não atinge apenas pais e filhos por adoção, mas também a família extensa. Pode-se observar esse aspecto no casal entrevistado, quando aborda o afastamento da convivência familiar, porque a aproximação desencadeava sentimentos como inveja e incômodo, com os quais principalmente P02 não queria mais lidar.

4.4 Repercussões dos sentimentos vivenciados na conjugalidade

Verificou-se que os sentimentos vivenciados durante a espera repercutem na conjugalidade. Os relatos evidenciaram um grande investimento na adoção, fazendo com que vivessem em função da espera da criança. Observou-se reorganização profissional e mudanças na rotina, principalmente no que diz respeito ao lazer do casal e convivência familiar. Segalin (2013), considera que assim como na chegada de um filho biológico, a espera e chegada de um

filho por adoção é sempre um evento e grande marco na vida das pessoas, e dessa forma, requer reorganização dos papéis parentais, mudanças de rotina, adaptações de espaços físicos. Considerando a indeterminação temporal para a chegada da criança por adoção, essa reorganização se torna mais complexa.

De acordo com Costa e Kemmelmeier (2013), a indeterminação temporal para a chegada da criança por adoção torna a transição para a parentalidade longa e difícil, muitas vezes, fazendo com que a expectativa seja constante na vida dos futuros pais. Para o casal da presente pesquisa, a expectativa de que a criança poderia chegar a qualquer momento, impediu-os, por todos esses anos, de organizar viagens ou assumir compromissos que poderiam comprometer, no seu ponto de vista, o acolhimento da criança.

De acordo com Ladvocat (2014), a infertilidade interrompe o sonho de ter um filho com características hereditárias e cada um dos cônjuges vive essa perda de forma singular, de acordo com sua subjetividade. O sentimento de frustração dessa perda, por não poder gerar um filho biológico também se evidenciou nos relatos, principalmente nas falas de P02, que expressou sua angústia e sentimento por se sentir imperfeita. O participante ressaltou ainda, que considera que essa frustração pessoal interfere na vida pessoal e profissional. O casal acredita e enfatiza que a estabilidade do casal e tempo que estão juntos proporciona recursos para lidar com a situação e o estresse desencadeado pela espera. Para Polonia, Dessen e Silva (2005), a percepção do outro e sua interação com ele são importantes influenciadores sobre a forma como se manifesta o processo de desenvolvimento de um ambiente.

4.5 Estratégias de Enfrentamento e Rede Social Significativa

Verificou-se que o apoio um no outro é estratégia de enfrentamento principal para o casal. Ferreira (2008), ressalta que o percurso singular que os adotantes percorrem, muitas vezes com a presença de dificuldades, pode contribuir para um maior apoio entre o casal. Além disso, se evidenciou a experiência positiva e significativa com a participação no Grupo de Apoio a Adoção.

Para Cardoso e Baiocchi (2004), mesmo que se tornar pai ou mãe por meio da adoção se assemelha ao processo de gravidez biológica, é um processo que requer foco no componente emocional. A partir disso, aborda a necessidade de preparação dos adotantes, gerando oportunidades em participação de Grupos de Apoio ou Multifamiliares. Na literatura, se observa que principalmente desde o ano de 2000, diversos autores como Weber (2006), Maldonado

(2001), Freire (2001), Paiva (2004) e Schreiner (2004), consideram a importância dos adotantes serem ajudados e apoiados na espera por esse filho, e que não somente sejam avaliados ou fiscalizados para determinar se estão aptos ou não para adoção.

Observou-se ainda a partir dos relatos que a Rede Social do casal pode ser tanto fator de proteção como fator de risco. O casal ao longo do tempo de espera começou a tomar mais cuidados nos diálogos com as pessoas, no que se refere ao tema, para se proteger de preconceitos. De acordo com Dias et al. (2008), existe ainda a presença de muitos preconceitos e discriminações que permeiam o tema. Fatores como, o desconhecimento sobre o tema; a ideia generalista de que adotar significa problemas em função do desconhecimento da herança genética e da idade da criança; medo de que a hereditariedade tenha um peso maior do que a educação e a vivência construída intensificam e mantém vivos os preconceitos.

Para Bronfenbrenner (2011), partindo do pressuposto de como as condições do meio ambiente influenciam os processos de desenvolvimento, elas podem determinar o reconhecimento da necessidade e importância de políticas públicas e intervenções. Os resultados evidenciam o quanto o casal poderia se beneficiar com serviços especializados de acolhimento, nesse momento cheio de significados e transformações em suas vidas. De acordo com Mattos et al. (2011), as alterações junto ao ECA (Brasil, 2009), no que diz respeito à adoção, dentre outras alterações, enfatiza a necessidade de preparo prévio psicossocial e jurídico, e para Ozoux-Teffaine (2004), os adotantes precisam de ajuda para atravessar esse período de transição para a parentalidade, marcado por angústias.

5 Considerações finais

Verificou-se, por meio da análise dos resultados da presente pesquisa, que o tempo de espera na fila de adoção fez emergir diversos sentimentos e sintomas que que repercutem nas suas relações e conjugalidade. O tempo atual de espera do casal tem diferença significativa com a expectativa inicial e ao descrever a categoria denominada de Crenças e Ideias iniciais sobre a adoção, observou-se os primeiros reflexos do longo tempo de espera do casal sobre a forma como vivenciam o processo. Na percepção do casal, mesmo os sentimentos vivenciados individualmente, refletem em todos os aspectos da sua vida.

O contato com o Grupo de Apoio a Adoção e o surgimento de diversos sentimentos, principalmente ansiedade e pressa geraram dúvidas sobre a escolha do perfil da criança desejada e fizeram o casal também questionar os significados da adoção, ampliando as ideias sobre as

motivações para querer adotar. Pode-se verificar ainda que a maioria dos sentimentos que emergiram durante a espera e que repercutem na vida e na conjugalidade estão associados ao investimento na adoção, porque passaram a viver em função da adoção. O casal deixou o lazer em segundo plano, houve reorganização na vida profissional e alteraram a rotina de convivência com a família, em razão de sentimentos despertados ao conviver com casais e filhos pequenos. Ainda, muitos sentimentos surgiram em relação à desconstrução de ideias iniciais sobre a credibilidade do processo em seus aspectos jurídicos. Ambos acreditam que a longa espera é reflexo principalmente de falhas no contexto jurídico, o que gera situações de estresse e discussões para o casal movidas pelo sentimento de dúvidas e injustiça.

Embora o casal tenha expressado como ponto positivo da espera o fato de se sentirem mais preparados para a adoção, pode-se constatar que nos últimos anos têm vivenciado o processo de forma dolorosa. Porém, observou-se que o desejo de ser pai e mãe e o sentimento de esperança os motiva à continuar investindo na adoção, embora muitas vezes sintam medo de que a criança possa não mais chegar.

Os resultados permitem considerar a importância do acompanhamento psicológico ou participação de Grupos de Apoio, como fator de proteção para a adoção, apesar dos participantes revelarem o quanto representam um para o outro fator de apoio e proteção. Ter um espaço de trocas poderá proporcionar ao casal reflexões e fortalecimento de estratégias para lidar com medos e dúvidas, rever expectativas e motivações, além de elaborar o luto do filho biológico que não pode ser gerado.

Este estudo reforça que o processo de adoção envolve a relação e interdependência de vários sistemas. Como limitações, pode-se apontar o número reduzido de participantes, e dessa forma, considera-se a importância da realização de novas pesquisas com um número maior de participantes para melhor compreensão desse processo de espera por um filho, considerando-se as peculiaridades de cada casal.

Referências

Bardin, L. (2011). Análise de conteúdo: Edição revisada e ampliada. São Paulo: Edições 70.

Bergman, K. N., Cummings, E. M., & Warmuth, K. A. (2016). The benefits of marital conflict: Constructiveness and resolution as predictors of positive child outcomes. In D. Narvaez, J. N. Braungart-Rieker, L. E. Miller-Graff, L. T. Gettler & P. D. Hastings (Eds.). *Contexts for young child flourishing*: Evolution, family and society (pp. 233-245). New York: Oxford University Press.

Brasil (2015). Processos relacionados à adoção no Brasil: uma análise sobre os impactos da atuação do Poder Judiciário. Brasília: Conselho Nacional de Justiça. http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/destaques/arquivo/2015/07/8aab4515becd037933960ba8e91e1efc.pdf

Brasil. Lei n. 12.010, de 3 de agosto de 2009. Dispõe sobre adoção; altera as Leis n. 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, 8.560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 - Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências. Brasília, DF.

Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32(7), 513-531.

Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742. doi: 10.1037/0012-1649.22.6.723

Bronfenbrenner, U. (1996). *A Ecologia do Desenvolvimento humano: Experimentos Naturais e Planejados*. Artmed Editora. 1996.

Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos*. Porto Alegre: Artmed.

Bueno, R. K., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2016). Paternidade no Contexto da Adoção. *Pensando familias*, *20*(1), 57-67. Recuperado em 06 de agosto de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2016000100005 &lng = pt&tlng=pt

Cardoso, V. L., Baiocchi, A. (2014). Preparação para Adoção: O Começo de uma Nova Família. In C. Ladvocat & S. Diuana, *Guia de Adoção: no jurídico, no social, no psicológico e na família* (pp. 53-64). São Paulo: Roca.

Cecílio, M. S., Scorsolini-Comin, F. (2013). Relações entre Conjugalidade e Parentalidades Adotiva e Biológica. *Psicologia: Ciência e Profissão,* v.36, n.1 , 171-182. doi: 10. 1590/ 1982-3703003832015

Costa, L.T.M., & Kemmelmeier, V.S. (2013). O olhar dos futuros pais sobre o processo de adoção. *Psicologia Argumento,* v.31, n.72. Disponível em: http://www2.pucpr.br/reol/ pb/ index.php/pa?dd1=7619&dd99=view&dd98=pb

D'Andrea, Antonio. (2002). O casal Adotante. In Andolfi, M. (org). *A crise do casal: uma perspectiva sistêmica relacional* (pp.233-247). Porto Alegre: Artmed.

Dantas, F. de Souza e Silva. & Ferreira, S. P. A . (2015). Adoção tardia: produção de sentidos acerca da paternagem e filiação em uma família homoafetiva. *Temas em Psicologia*, *23*(3), 593-606. https://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-06

Dias, C. M. de S. B., Silva, R. V. B. da., & Fonseca, C. M. S. M. de S. (2008). A adoção de crianças maiores na perspectiva dos pais adotivos. *Contextos Clínicos*, *1*(1), 28-35. Recuperado em 28 de maio de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci _arttext&pid=S1983-34822008000100004&lng=pt&tlng=pt

Ferreira, J. M. A. (2008). Satisfação conjugal e parentalidade biológica e adoptiva. Dissertação de Mestrado (não publicada) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa.

Freire, F. (2001). *Abandono e Adoção: Contribuições para uma cultura da adoção*. Curitiba: Terra dos Homens.

Gondim, A. K., Crispim, C. S., Fernandes, F. H. T., Rosendo, J, C ., Brito, T. M. C. de., Oliveira, U. B. de., & Nakano, T. de C. (2008). Motivação dos pais para a prática da adoção. *Boletim de Psicologia*, *58*(129), 161-170. Recuperado em 20 de agosto de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432008000 200004 &lng=pt&tlng=pt

Hueb, M. F. D. (2016). Acolhimento institucional e adoção: uma interlocução necessária. *Revista da SPAGESP*, *17*(1), 28-38. Recuperado em 05 de março de 2017, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci _arttext&pid=S1677-297020160001 00004 &lng=pt&tlng=pt

Ladvocat, C. (2002). *Mitos e segredos sobre a origem da criança na família adotiva*. Rio de Janeiro: Booklink Publicações.

Ladvocat, C. (2014). Campo Clínico da Reparação na Adoção. In C. Ladvocat & S. Diuana, *Guia de Adoção: no jurídico, no social, no psicológico e na família* (pp. 159-167). São Paulo: Roca.

Levinzon, G. K. (2006). A adoção na clínica psicanalítica: o trabalho com os pais adotivos. *Mudanças – Psicologia da Saúde, 14* (1), jan-jun 2006, 24-31. doi: http://dx.doi.org/ 10. 15603/2176-1019/mud.v14n1p24-31

Levinzon, G.K. (2014). Parentalidade Adotiva: Os pais suficientemente Bons. In C. Ladvocat, & S. Diuna, *Guia de Adoção: no jurídico, no social, no psicológico e na família* (pp. 307-312). São Paulo: Roca.

Maldonado, M.T. (2001). *Os caminhos do coração: pais e filhos adotivos*. 5 ed. São Paulo: Saraiva.

Marques, M. de M. (2014). Adoção no Contexto do Ciclo Vital Familiar. In C. Ladvocat & S. Diuana, *Guia de Adoção: no jurídico, no social, no psicológico e na família* (pp. 493-501). São Paulo: Roca.

Mattos, M. P., Hernandes, M. A. F., & Eloy, C. B. (2011). Adoção e Devolução: a criança devolvida. *Artigo (Congresso de Psicologia)*. São Paulo: Curso de Psicologia Faculdades Integradas de Ourinhos.

Merçon-Vargas, E. A., Rosa, E. M., & Dell'Aglio, D. D. (2014). Adoção nacional e internacional: significados, motivações e processos de habilitação. *Revista da SPAGESP*, *15*(2), 12-26. Recuperado em 14 de agosto de 2017, de http://pepsic. bvsalud. org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702014000200003 &lng=pt&tlng=pt.

Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2009). A configuração dos vínculos na adoção: Uma atualização no contexto Latino-Americano. *Journal of Human Growth and Development*, *19*(3), 475-486. Recuperado em 20 de agosto de 2017, de http:// pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-128220090003000 13 &lng=pt&tlng=pt.

Otuka, L. K., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. dos. (2013). Adoção tardia por casal divorciado e com filhos biológicos: novos contextos para a parentalidade. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, *30*(1), 89-99. https://dx.doi.org/10.1590/S0103166X2013000 100010

Ozoux-Teffaine, O. (2004). De la séparation à la filiation. Du couchant au levant, une nouvelle vie pour l'enfant en adoption tardive. In O. Ozoux-Teffaine (Org.). *Enjeux de l'adoption tardive – Nouveaux fondements pourla Clinique* (pp. 95-123). Ramonville Saint-Agne: Éditons Ères.

Paiva, L. D. (2004). *Adoção: significado e possibilidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Polonia, A. da C., Dessen, M. A., Silva, N. L. P. S. (2005). O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In Dessen, M. A.,

Costa-Junior, A. L. & Cols, *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. Artmed, Porto Alegre.

Rosa, J. M., Melo, A. K., Boris, G. D. J. B., & Santos, M. A dos. (2016). A Construção dos Papéis Parentais em Casais Homoafetivos Adotantes. *Psicologia: Ciência e Profissão* jan/mar. 2016, Vol.36 Nº 1, 210-223. doi: 10.1590/1982-3703001132014. http://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n1/1982-3703-pcp-36-1-0210.pdf

Schettini Filho, L. (2014). As Dores da Adoção: Possibilidades de Superação. In C. Ladvocat & S. Diuana, *Guia de Adoção: no jurídico, no social, no psicológico e na família* (pp.381-388). São Paulo: Roca.

Schettini, S. S. M., Amazonas, M.C. L de A., & Dias, C. M. S. B. (2006). Famílias adotivas: identidade e diferença. *Psicologia em Estudo, 11*(2), 285-293. https://dx.doi.org/ 10.1590/S1413-73722006000200007

Schreiner, G. (2004). Por uma cultura da adoção para a criança?: grupos, associações e iniciativas de apoio à adoção no Brasil. São Paulo: Consciência Social.

Segalin, Andreia. (2013). Serviço Social e viabilização de direitos: a licença/ salário-maternidade nos casos de adoção. *Serviço Social & Sociedade*, (115), 581-594. https://dx.doi.org/10.1590/S0101-66282013000300010

Silva, J. M; & Silveira, E.S. (2007). *Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas.* Petrópolis: Vozes.

Weber, L. N. D. (2006). *Pais e filhos por adoção no Brasil: características, expectativas e sentimentos*. Curitiba: Juruá Editora.

Weber, L.N. D. (2011). *Adote com carinho: Um manual sobre aspectos essenciais da adoção.* Curitiba: Juruá Editora.

Apendice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Meu nome é Solange Georg e estou desenvolvendo a pesquisa cujo título é "**A espera do casal na fila de adoção de crianças: sentimentos, percepções e repercussões na conjugalidade",** orientada pela **Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi,** com o objetivo de caracterizar as repercussões do processo de fila de espera para a vida e a conjugalidade de um casal adotante. Este estudo é importante, pois poderá ajudar a identificar percepções e sentimentos dos adotantes, proporcionando novas reflexões sobre o processo de adoção de crianças em Terapia Familiar e áreas afins. Esperamos que esse trabalho traga benefícios para os profissionais que trabalham na intervenção psicológica com pessoas e famílias em diferentes contextos. Pedimos a gentileza de responder a entrevista**,** o que não trará nenhum risco para você. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou não quiser fazer parte do mesmo, poderá falar conosco pessoalmente, pelo email pedagógico@institutofamiliare ou pelo telefone (48) 3233-4635. Se você estiver de acordo em participar, garantimos que as informações fornecidas (ou material coletado) serão confidenciais e utilizadas apenas para fins científicos.

Pesquisadoras: Profª. _____ e Aluno(a)_____

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____fui esclarecido sobre a pesquisa e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma.

Florianópolis, _____ de _____ de 2017.

Assinatura: _____

Telefone: _____ E-mail: _____

CPF: _____ RG: _____

Apêndice B – Roteiro de Entrevista

1- Quais foram as motivações de vocês para se inscrever no processo de adoção?

2- O que vocês pensaram quando se inscreveram? Que ideias surgiram?

3- Qual era a expectativa de tempo de espera da criança ao se inscrever no processo?

4- Vocês pensaram em algum momento alterar o perfil da criança inicialmente desejado na expectativa de acelerar o processo?

5- Durante esse tempo de espera, que tipos de sentimentos conseguem identificar que surgiram em vocês?

6- Esses sentimentos, anteriormente relatados, refletiram na vida do casal? De que forma?

7- Como vocês lidaram ou enfrentaram essas questões (sentimentos, expectativas)?

8- Quem são as pessoas que sabem da história de vocês e acompanham de alguma forma? Vocês têm recebido algum tipo de apoio dessas ou de outras pessoas?

PARECER DE MONOGRAFIA
DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO
EM TERAPIA RELACIONAL SISTÊMICA

Título: A ESPERA DOS CASAIS NA FILA DE ADOÇÃO DE CRIANÇAS: REPERCUSSÕES NA CONJUGALIDADE
Aluna: Solange Georg
Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi
Parecerista: Profa. Ma. Rovana Kinas Bueno

Primeiramente gostaria de agradecer pelo convite em realizar o parecer de mais uma produção de excelência do Familiare Instituto Sistêmico, e de parabenizar a Solange pelo belo trabalho produzido sob orientação da professora Maria Aparecida Crepaldi. Trata-se de um trabalho que ao descrever os aspectos envolvidos na espera dos casais na fila de adoção, contribui para que outros profissionais conheçam esse "campo de atuação" e possam ser pensadas outras possibilidades de intervenção.

Como qualquer estudo, entende-se que sempre há possibilidades de aperfeiçoamento, para os quais faço sugestões que foram assinaladas ao longo do trabalho, enviado em anexo. Assim, além das sugestões no trabalho, segue aqui algumas considerações gerais sobre o mesmo.

A temática abordada na monografia releva-se importante, tanto para o contexto terapêutico quanto para as famílias que desejam adotar um filho(a). O presente trabalho reforça a necessidade de atentar aos sentimentos envolvidos nesse período de espera pela criança.

A forma como a monografia se desenvolve e a forma como os resultados são descritos deixa o leitor interessado. Produções como essa, em que se descreve esse processo de adoção e de espera pela criança, bem como dos sentimentos e suas repercussões envolvidas, são importantes para maior divulgação do trabalho do psicólogo nesse contexto. A relevância social do trabalho está explícita, mas seria importante também descrever melhor a relevância científica. De modo geral, os parágrafos estão bem articulados entre si e as expressões são claras e bem redigidas.

O título, embora descreva o tema estudado, pode ser modificado, de modo a ficar mais amplo e contemplar todos os aspectos explorados ao longo do trabalho. Como o objetivo geral aparece redigido de diferentes formas, sugere-se padronizar e que ele corresponda ao título. De modo geral, pode-se verificar que o texto está claro, coeso, conciso e objetivo, sendo sua redação de fácil compreensão. A introdução está bem escrita e demonstra uma boa contextualização da temática, assim como o restante do trabalho. O interesse da autora pela temática é perpassado em sua escrita, na qual articula teoria e "prática", mesmo que a prática tenha sido descrita de modo indireto e principalmente por meio das falas dos participantes.

As obras utilizadas para embasar teoricamente o texto são relevantes, e o trabalho apresenta consistência teórica. O referencial teórico utilizado é atual e relevante. As obras utilizadas são recentes e/ou clássicas, o que qualifica o referencial teórico utilizado. Sugere-se revisar as normas da APA das referências.

Constata-se que o presente trabalho apresenta uma temática que, embora já explorada pela literatura, evidencia a dinamicidade das relações, sentimentos e crenças, e a interdependência entre os sistemas. As considerações finais relevam que o objetivo geral do trabalho foi atingido satisfatoriamente. O trabalho aplica os conhecimentos da perspectiva sistêmica, o que contribui para o trabalho com famílias e intervenções sistêmicas no contexto relatado.

Por fim, recomenda-se que sejam acrescentadas as possibilidades de estudos futuros sobre o assunto. As considerações e contribuições do trabalho refletem o ótimo trabalho realizado. Considerando o exposto, julga-se o trabalho aprovado, recomendando-se sua publicação em formato de artigo.

Fico à disposição para qualquer ajuda ou esclarecimento. Espero ter contribuído e que minhas colocações sejam úteis. Foi um prazer ler seu trabalho! Mais uma vez, parabéns e sucesso profissional!

Atenciosamente,

Rovana Kinas Bueno

Rovana Kinas Bueno